



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

03 DE FEVEREIRO
LISBOA — PORTUGAL
AUDITÓRIO DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO
ENCONTRO EMPRESARIAL LUSO-BRASILEIRO

Minhas Senhoras, meus Senhores:

A feliz circunstância de estarmos hoje reunidos aviva a perspectiva histórica, secular, que vincula, não só Portugal e Brasil, mas, também, com um caráter muito especial, Governo e iniciativa privada. Nas mais importantes etapas de nossa história, a associação entre o Governo e os homens de negócio constituiu-se em forma eficaz de alcançar riqueza e bem-estar para nossos povos.

Dos portugueses, herdamos mais do que a língua e território. Herdamos o espírito de luta e de iniciativa, herdamos o destemor diante dos grandes desafios e a disposição de empreender.

Esses traços comuns aos nossos dois povos certamente influem no relacionamento entre Portugal e Brasil. Do lado brasileiro — asseguro-lhes — sempre poderão contar os portugueses com a fraternal disposição de compreender e colaborar de um parceiro confiável.

A despeito dos efeitos negativos da crise energética, vivemos, em nossas relações bilaterais, momento de otimismo. No ano passado, o mercado português absorveu 96 milhões de dólares de produtos brasileiros, representando isso um crescimento de 110,5% sobre o ano anterior.

Por outro lado, os ganhos portugueses na balança de serviços têm garantido a Portugal, nos últimos anos, um saldo positivo em conta-corrente.

Os brasileiros acompanham, com saudável atenção, a evolução dos acontecimentos em Portugal. Após as importantes transformações estruturais na economia e na política, verificadas na última década, encontram-se os portugueses, hoje, no limiar de uma nova era. Em breve, a integração com a Comunidade Européia estará concretizada, abrindo novas e importantes oportunidades para a economia portuguesa.

Estamos confiantes em que a opção européia não se refletirá de forma negativa sobre o relacionamento entre nossos dois países. Se no Brasil há — e sempre haverá — um amplo espaço para Portugal, a recíproca, estou certo, é também verdadeira.

As oportunidades, de um e outro lado, continuarão a existir e devem mesmo expandir-se. A união de esforços, a associação entre empresários portugueses e brasileiros, para explorá-las, são perspectivas que vemos com entusiasmo.

O relacionamento econômico entre nossos dois países felizmente não se tem maculado por práticas negativas que hoje já se tornaram comuns no quadro internacional, onde o ressurgir de uma forte tendência

protecionista tem bloqueado a expansão do comércio, inibido iniciativas econômicas e financeiras, e frustrado justas expectativas de desenvolvimento.

O Brasil ainda não deixou de ser um país em desenvolvimento. O estágio de avanço industrial, alcançado em algumas áreas localizadas, longe está de ser suficiente para eliminar as distorções que afetam nossa realidade social e econômica.

Por isso, não aceitamos rótulos aparentemente envaidecedores, como os de «país em desenvolvimento avançado» ou de «país recentemente industrializado». Tais conceitos intentam a nossa separação dos demais países do Sul, buscando, com falsa legitimidade, negar-nos o tratamento que deve caber aos países em desenvolvimento.

Nos foros mundiais, o Brasil continuará a se opor, vigorosamente, contra todas as formas, diretas ou indiretas, de neoprotecionismo. A despeito da persistente surdez dos países industrializados, continuaremos serenamente a formular propostas construtivas de diálogo.

Ao mesmo tempo, nos limites do nosso alcance, trabalharemos para que se transforme em realidade o ideal de intensificar a cooperação entre os países em desenvolvimento e de criar uma forma nova, mais justa e equitativa, de relacionamento econômico comercial entre estes e as nações industrializadas.

A despeito das resistências protecionistas, o Brasil conquistou posições sólidas e vende crescente quantidade de manufaturados. Essa expansão só não se acelera em virtude dos obstáculos comerciais, que se multiplicam e renascem numa infinidade de fórmulas imaginativas para proteger setores industriais sem condições de competir no mercado.

Esquecem os que advogam estas fórmulas que os países em desenvolvimento continuarão a ser compradores importantes e com grande potencial de absorção de produtos de países industrializados. Esquecem também que as exportações para as economias altamente desenvolvidas são essenciais para garantir um fluxo estável de comércio e, por conseguinte, o fornecimento de bens de equipamento que os países em desenvolvimento não têm condições de produzir internamente.

Em todo esse quadro, a iniciativa privada detém a responsabilidade maior. O exportador, no Brasil, é agente, dos mais importantes, para a fixação da imagem de empreendimento e seriedade com que o Brasil se apresenta entre seus parceiros de comércio.

Com a herança de destemor que recebemos de Portugal, não é de surpreender o ânimo com que o Brasil se dedica à construção de uma economia moderna, capaz de superar as distorções de seu desenvolvimento. Menos surpreendente ainda será, para todos aqui presentes, Governo e iniciativa privada, brasileiros e portugueses, a identificação do comércio com outros povos como forma de estreitar uma colaboração que possibilite um relacionamento mutuamente vantajoso.

Foi do impulso dessa idéia que surgiu o primeiro traço a nos unir. Foi da reiteração dessa crença que resultou esta Reunião Empresarial, que ora encerro com a emoção de quem testemunha a perenidade do entendimento entre o Brasil e Portugal.